

Literatura, leitura & vida

Ana Elisa Ribeiro

Dos depoimentos

Vim depor sobre a vida de escritora. Muito embora *depor* seja uma palavra do campo semântico das apreensões, das delegacias e da esfera jurídica, é o que viemos fazer. Escritoras dão depoimentos sobre suas *trajetórias*, outra palavra do campo semântico da física, dos projéteis e das armas. É que minha vida de autora começou cedo, mas muito tímida, como é comum ocorrer; passou por momentos de resistência tácita e por outros de luta e dentes cerrados. Como toda vida que há na Terra, é frágil. Sofre golpes, perde força, definha. No entanto, a literatura é uma força. Não é apenas uma arte e uma atividade, mas também uma atitude e um empreendimento exigente. Um texto publicado é um buraco negro, atrai, cria possibilidades. E já me ocorre algo assim faz tempo, especialmente na poesia.

Neste ano de 2015, no entanto, vivi a truculência da mistura da má leitura com a imprensa marrom, salpicada com o despreparo da escola e a indisposição genérica com o texto literário. Um poema já velho (ocorre isso a eles? Talvez não, já que eles são nascituros para todo leitor que os tem nos braços, pela primeira vez), retirado da web, este oceano profundo, causou polêmica por ter sido lido ou deslido indiscriminadamente. Não estando em pauta a qualidade do próprio texto, a minha, como escritora, foi julgada. O poema foi classificado, sob crivos ridículos. Tornou-se um discurso sobre sexo que serviu apenas para vender jornais (impressos, web e radiotelevisivos), causar buzz, promover debates-baixaria em mesas-redondas da programação da tarde. E só. Aqui e ali, ainda bem, o episódio pode ter servido para retomar a questão do ensino sério de literatura e mesmo para redimensionar quão longe estamos da leitura literária, da ficção, das linguagens artísticas.

Da autoria

Minha autoria nasceu do gosto pela leitura. No entanto, não era um gosto indeciso ou pacato. Era intenso e dedicado, ao ponto de virem dizer que a leitura excessiva poderia atrapalhar minha vida escolar. Isso não espanta. Os livros eram emprestados, quase sempre de familiares ou da biblioteca da escola. A relação carinhosa com eles durava pouco. Eram devolvidos, mas deixavam rastros, manchas, queimaduras e borrões. Não se lê um Tolstói impunemente; nem a obra de Alencar; nem muito menos

um Drummond quase todo. Não se lê a estrela da vida inteira de Bandeira sem renascer para a poesia; entristecer e aprender que ali é o fingidor. A propósito, não se lê Fernando Pessoa sem docemente se confundir; nem se lê Oswald sem susto; ou Hilda sem enrubescer.

Dessa coleção de leituras, propositadamente literárias, nasceu talvez uma vontade de expressão. Se a língua também é minha, quero manejá-la. É mais que usá-la ou empregá-la. É um modo voluntarioso de produzir textos, de compor como se faz aos quebra-cabeças ou aos buquês de flores. E mais. Afora a serventia ordinária da oralidade, na vida de todos, eu procurei a serventia extraordinária da escrita, e além. Porque a literatura é ainda outra coisa, isto é, ultrapassa ou está aquém – sabe lá – da serventia. Ela se serve de mim ou eu me sirvo dela? Para que ela me serve? A pergunta ecoa por todos os lados, especialmente neste mundo de utilidades hegemônicas.

Do autor

Mas será condenável falar em autoria? Será equivocado ou arrogante? O que será falar em autoria, em tempos de morte, ressurreição e fantasmagorias do autor? Em tempos de cibercultura e de colaboração. Em tempos sem tempo, sem calma e sem concentração?

A escrita me impressiona tanto quanto a música. Com quantas notas se faz tudo o que ouvimos? E com quantas letras se produz o que lemos em tudo, no mundo, nos livros? Que mistérios há nos livros que não lemos e nem leremos? A palavra pode ser muda, como afirmava Dolores Prades, em sua conferência “Leitores e leituras no século XXI”¹? Um livro não interage conosco? Um livro que não li está mudo? Ou eu, em minha surdez, não o alcanço enquanto ele grita? O autor, por trás do livro, está aprisionado? Ou um livro autoral dá ao seu criador a máxima liberdade, inclusive a de estar em muitos lugares ao mesmo tempo? Alguns preferem dizer que o livro é mudo, pouco interativo; prefiro dizer que ele é pulso, bomba e caixa de Pandora. Prefiro culpar o leitor de surdo, indeciso, inabilidoso e distraído.

Das perseguições

Imagine-se o que é ser lido de maneira indevida? Imagine-se o que é ver sua criação ser execrada ou difamada? Imagine-se, então, diante de seu trabalho, qualquer

¹ A conferência, baseada no livro *O banquete dos notáveis*, de Constantino Bértolo, ocorreu em junho de 2015, no teatro Marília, em Belo Horizonte, e fez parte da programação da Pré-FliBH, Festival Literário Internacional de Belo Horizonte.

que ele seja. Seu labor máximo, que lhe custa horas de vida, noites de pouco sono e dias de silêncio para os outros. Seu trabalho mais exigente, solicitante de sua melhor empunhadura. Leve e pesado, ao mesmo tempo. Seus dias, suas noites, suas tardes, seus parentes, seus filhos, todos à espera de seu intervalo. Seu trabalho que, às vezes, até lhe pode pagar as contas de luz e de gás. Imagine-se não haver público para sua criação ou o haver, só que distorcido e indisposto. Pior: raivoso. Lamentável: incapaz de reconhecer seu labor. Incapaz, mais ainda, de ter curiosidade sobre seu feitio, sua tecelagem, suas técnicas, que sejam. Desinteressado.

O autor não desiste. Ainda que o leitor o drible, aqui e ali, quando pode, o autor o deseja capturar. E não dessa captura do campo semântico das prisões, das cadeias, das delegacias, mas essa da sedução, da laçada e do abraço. Em um código penal de alguma época, em um livro grosso e de capa dura, entendi que sequestro e rapto não eram a mesma coisa. Eu poderia ter aprendido isso com alguém, algum advogado conversado, mas aprendi em um livro. Então os livros carregam o mundo. Nesse caso, de um código penal, talvez não houvesse autor individual, aquele a quem eu pudesse procurar com dedos em riste, o cenho franzido ou a quem eu pudesse enviar mensagens de ódio por meio das redes sociais. Esse autor é uma figura, no entanto, uma representação de um enunciador, que, mesmo que coletivo, alcançou um produto, um texto final, dando a ele coerência, ao menos em suas intenções. Se rompo com isso, tenho cá meus poderes.

Imagine-se agora o autor individual, com endereço, cadastro de pessoa física, imposto de renda, emprego, RG de menos de dez anos, tirado na Polícia Civil do estado. Se não é morto, constante em alguma biografia muito antiga, enciclopédia de papel ou página de livro amarelado, esse autor está vivo. E trabalha. Ele maneja linguagens, deseja algo com isso, mas, principalmente, ele interaje com o mundo, mira, mesmo que embaçado, um leitor, um dia, talvez. Ele produz um texto, busca meios de torná-lo livro, com o que aquele texto transforma-se em outra coisa, ganha uma espécie de asa e um destino muito mais imprevisível.

Por onde andarão os textos, se forem livros? Mesmo mal distribuídos, como costumam dizer dos livros literários, mesmo se contemporâneos, incompreendidos, rechaçados, mesmo se feios ou desimportantes, livros têm um ciclo de vida. Incontrolável, incontornável, incorrigível. Imprevisível. Fora do alcance de seu autor, o livro se autonomiza, ganha suas próprias nuances, o que, de todo modo, não mata aquele autor e suas intenções.

O autor pode ser atacado toda vez que seu livro/texto ganha as ruas. A literatura não tem o compromisso de ser bem comportada. E não será. Há literatura de todos os tipos, mas principalmente aquela que não se contém. É justo por isso que o autor precisa estar lá, nas capas e lombadas de livros. Não porque queira se tornar celebridade, mas, antes, porque quiseram exigir dele um termo de responsabilidade. Ou é a ele que a atribuirão, de toda forma. Se não forem completamente ignorados, os livros terão leitores. A depender de quem sejam eles, quererão queimá-los, extingui-los. Mas torturar um livro não garante que estejam todos os seus exemplares extintos. Então, irão à cata, à caça. E não satisfeitos, quererão saber quem o escreveu. A fonte. É nela que mora o ímpeto de escrever. E determinadas coisas não devem ser escritas, depois lidas, depois discutidas ou pensadas. Escritores não têm compromisso com a ponderação ou a suavidade. Tão personagem quanto seus personagens, o escritor é uma entidade. No entanto, parecerá chão quando o virem em sua higiene diária, escovando dentes ou de chinelos, ao despertar.

Do tempo de vida

Nesta trajetória de mais de duas décadas, em que dedico muito de meu tempo de vida à escrita, buscando publicá-la, além de manifestar-me como autora, encontrei leitores. Isso foi minha felicidade, quase sempre. E quando não foi, deveu-se não apenas ao gosto e ao crivo, como é bom que ocorra, em todo caso; mas deveu-se à ignorância. Meu manejo das palavras pode perturbar. Não vou escrever sobre amor como se falasse apenas disso e apenas de amor pacato. Nem vou falar de flor, para rimá-la com qualquer perfume pré-aprovado pelos cavalheiros. Se eu abordar uma paixão humana, como o ciúme, por exemplo, falarei de violência, de insanidade e de medo. Ao experimentar meu texto, quero que o leitor se sinta afetado, aturdido, talvez. E identificado, quase todas as vezes. Mesmo que ele entre em um conflito solitário com suas pequenas e contidas violências.

Meu texto será, talvez, motivo de outros. Um texto gerador. Pode ser que não seja, nunca. Posso ter sido arrogante. Fez-me muito bem escrevê-lo, sabendo sempre do desgosto de alguém menos disposto a ele ou que tenha lá outro gosto, tão bom quanto qualquer um. Mas a literatura não tem compromisso com o agrado irrestrito e nem com as palmadinhas satisfeitas nas costas.

Hoje ou ontem, um jornalista me perguntou para que serve a poesia. A pergunta caminhará juntamente com a humanidade. Encontrará respostas menos e mais

elaboradas. Não titubeei: para perturbar. Não é possível que queiram uma poesia morna para causar quase nada de estranhamento. Não acredito que queiram apenas o previsível na linguagem. Não creio em autores satisfeitos com o leitor de ombros caídos. Escreverei na fome e no medo. Escreverei quando estiver enérgica, e as palavras estiverem nervosas comigo. Elas às vezes vêm marrentas, como animais mesmo. E quando pensávamos que não haveria mais polêmicas em torno de poemas, menos ainda em torno de poemas de autoria feminina, o leitor surpreende com seu despreparo. É dizer: por onde anda a literatura no mundo? Escondida nas filas de trás das prateleiras cheias das bibliotecas sustentadas pela União? Onde estão os livros perturbadores? Quando li *Grande Sertão: Veredas* e quando li *A Trégua*, senti perturbações completamente diferentes de quando li *Germinal*. Onde estão os livros no dia a dia das pessoas?

Vamos ensinar literatura em algum lugar, com lentidão e sinceridade? Ou vamos nos desviar dos temas e das palavras perturbadoras? Senhores pais, senhores diretores, a literatura deixa o mundo latejante. Ela expia e ela intolera. Vamos nos desviar do sexo, da violência, das drogas e de que mais? Mas apenas na literatura.

O que ela tem, então? Poder. O poder de impregnar, talvez. O poder de despertar. Mas não se pode despertar o desleitor. Que ele desleia meu texto, desminta-o, desnorteie minha lógica narrativa, desmonte meu enquadramento, meu cenário, minha proposta. Não aceite minha proposta. Torne-a sua, tudo bem. Ficarei feliz, mais uma vez, quando me disserem que o texto foi lido, que o livro esteve aberto, ao seu dispor. No entanto, que faça isso com a mesma responsabilidade com que o escrevi: a de rever algo do mundo. Gaste seu tempo de vida a ler um, dois, dez poemas. Mas faça isso honestamente. Estimo que sinta muitas coisas ao ler. Sinta, perceba, compreenda, repense, sinta novamente. Apenas não surte. Porque o leitor surtado não precisa de nada para ler. O livro, em suas mãos, é inerte, inanimado. O leitor surtado grita sozinho. Livro tem alma. Autor de livro, se estiver vivo, também.